

Tomando como ponto de partida um comentário de Antonio Candido, tecido durante os debates sobre problemas da historiografia literária na América Latina realizados no âmbito de um encontro na UNICAMP, e transcrito por Ana Pizarro na introdução de *Literatura como processo*, Flora Süssekind aponta a necessidade de incorporação, na reflexão sobre arte e cultura, dos diferentes ritmos e da multiplicidade de tempos vividos no interior do sistema cultural latino-americano, e rastreia o interesse de Candido pelo tema. Segundo a autora, desde seus primeiros trabalhos sociológicos dos anos 50, como a pesquisa sobre a vida do caipira, *Parceiros do Rio Bonito*, e os estudos sobre o cururu, dança cantada presente em regiões de Mato Grosso, Goiás e São Paulo, até a identificação, no Romantismo, de uma corrente poética humorística, embora particular, coexistente com o lirismo hegemônico, em *Formação da literatura brasileira*, é possível reconhecer em Candido uma atenção continuada à diversidade de tempos experimentados por diferentes grupos sociais no Brasil, em geral estando associada a região rural e periférica à idéia de atraso quando comparada à cidade.¹

Pizarro trata do assunto remetendo-se à diversidade étnica que constitui as populações da atual América Latina, apontando a inconsistência da periodização a partir da ótica do colonizador, segundo a qual as literaturas indígenas estariam confinadas à rubrica “antecedentes”, sendo desconsiderada toda a produção posterior ao século XVI e mesmo a atual. Daí a necessidade imperiosa de se traçar de outra maneira a história literária, desfazendo a série cronológica contínua e homogeneizadora. Uma das proposições resultantes do encontro é a de que se estudem determinados projetos estéticos não como uma ocorrência circunscrita a um período de tempo delimitado, mas como uma continuidade com manifestações em diferentes momentos, como é o caso do Barroco na América hispânica e do

¹ SÜSSEKIND, “Relógios e ritmos”, in *A voz e a série*, p. 71-103. As citações a seguir são retiradas deste ensaio.

Regionalismo na literatura brasileira² – cujo conceito que vem sendo discutido atualmente.

Dando continuidade à argumentação inicial, Flora Süssekind centra sua observação na literatura brasileira e, diante da constatação de que “justamente no âmbito dos estudos histórico-literários” “talvez não se tenha trabalhado suficientemente a questão da multiplicidade temporal”, propõe que “em vez de se privilegiarem tendências evolutivas lineares ou vastas extensões temporais homogêneas”, “um modo eficiente, num primeiro momento, de considerar esta questão” seria “o recorte de períodos em que esta multiplicidade cumprisse papel decisivo no sistema sócio-cultural brasileiro”. A título de exercício, aponta alguns exemplos de tematização de “tensões temporais”, dentre os quais dois do período que se convencionou chamar pré-modernismo, que revelam a diversidade de tratamento de questões referentes ao tempo na ficção dessa época: o primeiro, retirado de *A profissão de Jacques Pedreira*, de João do Rio; o segundo, de *Vida ociosa*, romance publicado pela editora de Lobato, de autoria de ninguém menos que Godofredo Rangel, seu grande amigo e interlocutor.

No ensaio citado, “Relógios e ritmos”, Flora Süssekind dá continuidade à reflexão sobre a relação dos escritores com o horizonte técnico da sociedade brasileira no fim do século XIX e começo do XX, iniciada com *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*, reflexão inserida no projeto de revisão historiográfica da literatura produzida nesse período, da qual um marco importante foi o Seminário, e o livro dele resultante, *Sobre o pré-modernismo*.³

Como resultado dessa nova maneira de se abordar a produção pré-modernista, os autores que habitualmente estiveram associados ao regionalismo na literatura brasileira, e que por isso foram relegados a segundo plano, passam a ser estudados com mais cuidado, menos genericamente.

E seria também o caso de se rever a posição, nesse quadro, da obra ficcional de Lobato, em geral tratada pela crítica como mais um exemplar do desgastado regionalismo que agoniza às vésperas do grande e redentor modernismo. Talvez se possam tomar alguns momentos da ficção de Lobato como exemplos dessa “tensão temporal”, como encenação de uma lógica diferente daquela, hegemônica, segundo a qual o Brasil se tornou, com o advento da

² PIZARRO, “Introducción”, in *La literatura latinoamericana como processo*, p. 13-67

³ Fundação Casa de Rui Barbosa, *Sobre o pré-modernismo*.

República, um país moderno, urbano e cosmopolita. Ao apresentar situações e personagens marginais, representantes de uma cultura de tradição oral, vivendo afastados dos grandes centros, com hábitos arcaicos e, talvez por todas essas razões reunidas, detentores de saberes esquecidos e capazes de gestos extremados, Lobato estaria revelando, para o Brasil que lê, o outro Brasil em geral desconsiderado, embora seu contemporâneo. Em vez de ser visto como “passadista”, pode ser encarado como um escritor atento às tensões e contradições de uma sociedade que abriga experiências de diferentes tempos históricos.

Mesmo porque as restrições em geral apontadas na produção regionalista – que para Antonio Candido revela uma “consciência amena do atraso” da sociedade brasileira em relação a nações mais desenvolvidas – não são marcantes na ficção de Lobato, que estaria, ao contrário, mais próximo dos autores que Candido situa a partir dos anos 50, mais críticos e menos complacentes com a situação nacional, o que corresponde à “consciência dilacerada do subdesenvolvimento”.⁴ O entusiasmo de Lobato pelas conquistas da Modernidade, tais como os avanços nos campos da higiene, da saúde e da educação, faz com que se torne imperiosa, para ele, a democratização de tais conquistas, tarefa que lhe parece sempre adiada pelas autoridades competentes e pela qual se bate em sua atividade de publicista.

A respeito da íntima relação entre o fazer literário e a realidade social em que está inserido o autor, Ana Cristina Chiara faz observações bastante interessantes sobre a persistência do naturalismo na literatura brasileira contemporânea que podem iluminar igualmente as razões de certas opções de escritores como Lobato.⁵ O artista ou escritor nacional é desafiado “por um refluxo constante de cobranças do real”, e “sente o peso da pata do mundo sobre a mão que digita o teclado ou rabisca notas num pedaço de papel”. E lembra que desde o século XIX o naturalismo encontrou “um lugar recorrente nas práticas da prosa de ficção”, com seus textos que incursionavam “por temas até então considerados obscenos, degradantes e com foco nas camadas mais pobres da população” aproximando escritores e leitores de realidades estranhas a eles. Numa sociedade como a brasileira, marcada historicamente pelo “incontornável abismo

⁴ CANDIDO, “Literatura e subdesenvolvimento”, in *A educação pela noite e outros ensaios*, p. 140-162.

⁵ CHIARA, “O real cobra seu preço”, in OLIVEIRA (Org.), *Linhas de fuga*, p. 23-39. Todas as citações deste parágrafo são referentes a este artigo.

entre classes sociais”, narrativas desse tipo se tornariam “uma espécie de imposição moral”. A autora retoma uma referência de Silviano Santiago – forma-prisão –, utilizada no ensaio “Eça, autor de Mme. Bovary”, mas servindo para designar uma “imposição da expressão” diferente daquela de que trata Santiago:

Ao contrário do que pensavam os modernistas (críticos e artistas) quando preconizavam a ruptura com as formas do passado, uma das forças da linguagem estética é o poder da ‘forma prisão’, ou seja, quando o artista se vê sem escolha e tem que curvar espinha a uma imposição da expressão: só pode dizer daquela forma. Não é livre para dizer, de outro modo, o que quer ser dito, o que precisa ser dito. No caso brasileiro, esta forma-prisão está relacionada à estética naturalista em decorrência da pressão do real.

A crítica literária brasileira, todavia, tende a condenar o naturalismo considerando-o um estilo enrigecido e artificial, sem, contudo, refletir sobre suas possíveis motivações na consciência do artista: um realismo moderno e empenhado que assume seu compromisso social, “uma forma de responsabilidade lingüística da prosa de ficção reclamada pela realidade”.

Para Silviano Santiago a forma-prisão é o modelo da literatura da metrópole, com o qual o escritor periférico obrigatoriamente dialoga, como mostra ser o caso de Eça de Queirós, que escreve *O primo Basílio* como uma versão portuguesa (e, na opinião de Santiago, melhor) do romance de Flaubert. Chiara, por sua vez, acredita que o modelo que submete o escritor e o obriga a “curvar espinha” seria não uma obra mas um estilo, no caso o naturalismo ao qual se filia uma linhagem de artistas, “descendentes de Zola”, que assumem o compromisso de retratar a realidade. A persistência da forma naturalista na literatura brasileira contemporânea seria, nesse caso, consequência do “peso da pata do mundo” sobre a mão do escritor, confrontado com “a força impositiva da violência, da miséria, e do achincalhe” numa sociedade desigual como é a nossa. Peso que, se é perceptível nas obra de Euclides da Cunha e Lima Barreto, pode também ser entrelido em vários textos situados na vasta prateleira dos regionalistas, dentre os quais destaca-se Monteiro Lobato, escritores do tipo “realistas comprometidos”, para os quais “é uma necessidade imperativa para o artista mergulhar na problemática de seu tempo”. Tempo este, no caso da América Latina, “governado pela brutalidade dos fatos” que “reclama um estilo literário sobrecarregado, intenso e violento, saturado de imagens fortes, aberrantes”.

Novas leituras e abordagens da produção chamada pré-modernista são possíveis atualmente porque a literatura pode ser tratada em relação com outros produtos culturais, o que amplia o campo de visão do observador e possibilita uma aproximação do objeto literário em diálogo com conhecimentos oriundos de outras disciplinas.